

Idosos e seus fazeres na Instituição de Longa Permanência

Seniors and their activities in the Long Term Institution

Maria Amélia Ximenes
Beltrina Côrte

RESUMO: Este artigo fala dos resultados de em um estudo feito numa instituição de longa permanência partindo de sua realidade cotidiana, ao verificar de que maneira esta pode interferir no fazer de seus residentes. Foi possível diagnosticar os empecilhos que entravam o trabalho com atividades nessas instituições, empurrando os residentes ao não fazer, a uma “ociosidade” aparente. Um (re)pensar sobre o idoso institucionalizado e o seu fazer.

Palavras-chave: Instituição de longa permanência; Fazer; Cotidiano.

ABSTRACT: *This articule discusses the results of a study done in a long term institution based on their everyday reality, to see how that can influence the making of its residents. It was possible to diagnose the obstacles which hinder the work with activities in these contexts, leading the residents to not doing anything, to an apparent "idleness". It is a rethinking about the elderly residential home and their activity level.*

Keywords: *Elderly home; Activity; Daily living.*

O crescimento do número de idosos e a nova disposição do núcleo familiar, onde as famílias muitas vezes não dispõem de tempo para cuidar de seus idosos, traz à tona a problemática do cuidado e a institucionalização do idoso e, em consequência, a adaptação destas instituições para que abriguem essa clientela de forma que proporcionem “vida” e dignidade.

Em estudo feito em 2005¹, percebeu-se que as instituições asilares aos poucos vêm sofrendo modificações com relação as suas antigas estruturas: a maioria foi criada por uma sociedade de cunho religioso e a ela ainda é vinculada e tem como principal objetivo o ato de caridade cristã, como norma orientadora da obra social.

Guardam ainda características de sua fundação como os dirigentes, a busca de recursos e uma dosagem de “assistencialismo”, camuflada pela diversidade de áreas profissionais. Conhecer o passado da instituição ajudou no entendimento dos *fazeres* da atualidade.

O elemento essencial do seu *fazer institucional* é o arrecadar fundos, apelando para a prática da caridade e essa atitude tem interferido no fazer dos residentes, na medida em que estes só são valorizados, quando podem ser transformados em renda.

Esses fatos têm servido de obstáculo à profissionalização dos serviços e à desconstrução da imagem de um lugar decadente de desistência da vida e de espera da morte.

Em contrapartida os residentes também constroem uma imagem interna que influencia as suas práticas e os condicionam numa rotina de atividades que torturam o tempo e os matam misericordiosamente. Além disso, o idoso é estigmatizado e acaba por interiorizar e aceitar a marca que os outros lhe atribuem.

Na verdade, eles não se sentem parte integrante do espaço onde vivem, não se sentem “pertencer”, ficando claro que o asilo não apresenta condições de vida comunitária para os seus residentes; vivem num mundo à parte, onde perdem sua individualidade, entram aos poucos num processo de isolamento e deixam de “existir”. Negam-se as possibilidades de elaboração de projetos, por viverem num mundo sem significado pessoal.

Dessa maneira eles não participam das atividades proposta e esta é a principal queixa da instituição. Por outro lado, constatamos que o elemento essencial do *fazer institucional* é o arrecadar fundos, apelando para a prática da caridade; essa atitude tem

¹ Dissertação de Mestrado em Gerontologia Social, PUC-SP, intitulada “O Fazer Institucionalizado: o Cotidiano do Asilamento”.

interferido no fazer dos residentes, na medida em que estes só são valorizados, quando podem ser transformados em renda.

Por isso, os *fazeres* diários dos residentes, os de lazer e outros não são percebidos. Como não são percebidos, não existem, promovendo a fama de “ociosos” aos residentes e, conseqüentemente valorizando o ser velho apenas enquanto ser produtivo para o mercado e não como produtor social.

Essa visão, aliada ao assistencialismo é realimentada pelos profissionais e parte da sociedade que rotula o residente asilar como “coitado”, incapaz e improdutivo, impedindo que se vejam os *fazeres* escolhidos pelos residentes, enquanto produtores sociais.

A instituição, portanto, não dá importância a outros *fazeres*, e por isso não investe neles (como as atividades de vida diária e de interação entre eles, os visitantes, estagiários, voluntários, dentre outros. Inclusive as atividades religiosas, de lazer como assistir a TV, ouvir rádio, jogar baralho, dominó ou sinuca e outras) passam despercebidas, em um cotidiano regido pelo horário das refeições, dentro de um consenso falso de “ociosidade” e em um ambiente de provisoriedade.

O Ambiente que traz aos sentidos a sensação de abandono e tristeza, dando a impressão de marasmo é consequência de um *fazer* institucional sem investimento em vida. Na realidade, é constatadamente a espera da morte.

O trabalho voluntário dentro da instituição é feito de modo solitário e este não recebe qualquer treinamento nem está integrado à equipe e nem tem uma visão sobre o que é o envelhecer.

A instituição tem uma equipe de profissionais de diversas áreas; porém, estes realizam um trabalho individual. Não existe um trabalho integrado desses profissionais que também incorporaram a rotina massificante.

Os residentes nunca são consultados previamente sobre interesses nas atividades propostas; nem existe um calendário à mostra, informando sobre essas atividades do mês, levando os residentes ao estado de alienação total e à desorientação temporal.

Essas questões da realidade cotidiana asilar levaram a descobertas dos fatores que interferem no *fazer* dos residentes, os quais enumeramos a seguir:

1. A instituição “espera a morte”, não há investimento em vida, ausência de projetos que a ressignifiquem.

2. A falta de formação sobre o processo de envelhecimento humano na perspectiva do ser que envelhece. As instituições para velhos precisam dessa formação para que possam dar qualidade e significado aos seus *fazeres*.
3. Os regulamentos institucionais, por regerem todos os *fazeres*, impedem a flexibilidade e liberdade, “temperos” saudáveis à vida do residente.
4. A rotatividade profissional é outro fator junto às suas consequências: inexperiência profissional; rupturas constantes nos trabalhos, não havendo continuidade destes, resultando na não formação de vínculos; desorganização dos *fazeres* institucionais por não ser um trabalho integrado entre equipe profissional, funcionários, voluntários, estagiários e dirigentes.
5. A falta de autonomia, por levar ao isolamento, á desvalorização do residente, à improdutividade social, enfim, *fazer* que não dá sentido à vida.
6. Os ambientes e os materiais, considerados essenciais para o *fazer*. Caminham juntos por relacionarem-se aos quesitos: independência, segurança, risco, limite de desempenho e conforto. Um ambiente calmo, previsível, acolhedor, com cores estimulantes e odores agradáveis são qualidades indispensáveis a um *fazer* significativo.
7. A ditadura da rotina de horários dos *fazeres* diários por condicionar os residentes a viverem em função dos mesmos. A rotina paulativamente os arrasta à despersonalização, à perda da dignidade e do respeito.
8. O sentimento de não-pertencimento é o último fator. Verificou-se que o sentido de pertencer favorece os *fazeres* porque dá a idéia de fazer parte, trazendo a sensação de segurança, de conhecer com minúcia o espaço, favorecendo a vontade de conservá-lo, o que não é observado na instituição.

Esses fatores interferem diretamente no *fazer* dos residentes. Conhecê-los, é ter à mão conceitos essenciais para desenvolver um trabalho de excelência, em instituições que abrigam velhos. A “chave” do mistério, “por que os residentes não querem participar de atividades”, começa assim a ser desvendado, através deste estudo.

Estudos comprovam que atividade ou *fazer* humano é essencial ao equilíbrio físico, psicoemocional e social do idoso, na medida em que favorece o continuar vivendo, mesmo que fatos negativos possam interpor-se ao processo de envelhecimento. Estimula-o a continuar a fazer planos, estabelece os contatos sociais, tornando ativo,

participante de sua comunidade, autônomo, aos olhos da sociedade, um velho sem o estigma de velho.

O *fazer*, portanto, dará suporte para a criação de recursos internos, para que o idoso enfrente o processo de envelhecimento, adaptando-se às mudanças com algum equilíbrio emocional, por fortalecer sua auto-estima, com uma visão de mundo mais positiva, vontade de viver e, conseqüentemente, trazendo a esperança de uma vida longa, com saúde, independência e autonomia.

Conhecer quem são seus residentes e ouvi-los quanto à organização dos *fazeres* e das decisões da vida institucional, são objetivos primordiais a qualquer trabalho, numa instituição asilar. Essa informação orienta todo o *fazer* institucional, porque o residente passa a ser sujeito do seu *fazer*.

O trabalho interventivo nas instituições são infrutíferos, na maioria das vezes, pelo não respeito à diversidade do envelhecer. A instituição, ao não ter um projeto de gestão, que leve em conta a ressignificação da vida, o trata com uniformidade. É necessário que se estudem procedimentos lógicos que abranjam a singularidade do residente, sem perder de vista sua socialização.

As instituições para idosos precisam tomar conhecimento, se conscientizarem da importância de cada área que trabalha o envelhecimento e vê-la como necessária e importante.

Um ambiente institucional claro, ventilado, organizado, com cores estimulantes, acessível e com odores agradáveis proporciona bem-estar aos seus residentes, funcionários e visitantes, estimulando uma maior apropriação dos espaços e, conseqüentemente dos *fazeres*.

Para desenvolver um trabalho sério, há necessidade que a instituição invista na acessibilidade e qualidade dos materiais utilizados, prezando, assim, a segurança de seus residentes. Ambiente seguro garante uma maior independência, exercitando, assim, a autonomia.

O cotidiano promove *fazeres* que passam despercebidos dentro da cotidianidade asilar. Daí a necessidade do olhar e do trabalho da equipe, em especial o terapeuta ocupacional (qualificado em atividade humana) para que eles sejam incorporados dentro do *fazer* institucional.

O fazer nos acompanha, faz parte da nossa vida e deveria continuar a nos acompanhar até a morte. Falta que nos conscientizemos disso. Por que, então, não

começarmos a pensar em um *fazer* de ressignificação de vida, ao invés de investirmos na ditadura de um *fazer* institucionalizado como apenas a ocupação do tempo em contraposição à “ociosidade”? Por que não pensar que o *fazer* institucionalizado, possa justamente ser, o *fazer* da “ociosidade” enquanto continuação da vida?

Recebido em 05/11/2010

Aceito em 25/11/2010

Maria Amélia Ximenes – Terapeuta Ocupacional. Doutoranda em Ciências Sociais (Antropologia PUC-SP), Mestre em Gerontologia (PUC-SP), Servidora Pública Federal (INSS), Docente do Curso de Terapia Ocupacional (USC-Bauru), Membro do Observatório da Longevidade Humana e Envelhecimento (OLHE) e pesquisadora-mentora do Portal do Envelhecimento.

E-mail: mameliaximenes@yahoo.com.br

Beltrina Côrte – Doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da USP. Docente, Pesquisadora e Orientadora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia da PUC-SP. Presidente do Observatório da Longevidade Humana e Envelhecimento (OLHE) e Editora do www.portaldoenvelhecimento.org.br.

E-mail: beltrina@uol.com.br